

RESENHA

LOWE, E. J. *A Survey of Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press, 2002, 416 pp.

*Pedro Merluzzi*¹

Eis aqui mais ou menos o que a academia brasileira parece pensar acerca da metafísica nos dias atuais: desde Kant, sabemos definitivamente que a metafísica está fadada ao fracasso. A palavra “metafísica” em muitos casos parece ser até ofensiva, tal como “positivismo”, ou “analítico”, para alguns. É claro que minha descrição é um tanto quanto caricatural, mas se você estuda filosofia, certamente deve saber que essa exposição tem seu fundo de verdade. O que acontece, no entanto, é que as últimas décadas mostraram um ressurgimento da metafísica como uma disciplina filosófica central. Não só observamos presentemente uma frequente produção de artigos relacionados a esta área nos melhores periódicos de filosofia, como a publicação de excelentes materiais introdutórios. *A Survey of Metaphysics*, do filósofo britânico E. J. Lowe, enquadra-se perfeitamente nesta última classe. Surpreendentemente claro e ao mesmo tempo rigoroso, o livro de Lowe deve ser seriamente considerado como um material introdutório importante para o estudo da metafísica.

O livro está dividido em seis partes, as quais abrangem quase todos os problemas metafísicos, incluindo tanto a nova metafísica, quanto a antiga (veja a respeito dessa distinção van Inwagen 2007). Os filósofos antigos e medievais concebiam a metafísica como uma disciplina acerca dos problemas discutidos na *Metafísica* de Aristóteles. Esses problemas ainda são problemas metafísicos, mas vale notar que há problemas amplamente considerados como metafísicos nos dias de hoje que não eram discutidos na *Metafísica* de Aristóteles; o problema do livre-arbítrio e do determinismo, ao menos tal como discutido contemporaneamente, seria um deles. O livro de Lowe oferece uma visão sistemática de todos esses problemas, tanto os novos quanto os antigos. Os temas discutidos nas seis seções

¹ Mestrando em Lógica e Epistemologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Resenha recebida em 27/08/2013 e aprovada para publicação em 15/10/2013.

incluem, respectivamente, identidade e mudança, necessidade e essência, causação, ação e eventos, espaço e tempo e, por último, universais e particulares.

Não se trata de um livro histórico, no entanto. O leitor interessado exclusivamente no pensamento dos grandes filósofos mortos deverá procurar por outro material. Contudo, estudar atentamente este livro ajudará qualquer pessoa a compreender com mais rigor e precisão os textos clássicos sobre este tema. O leitor provavelmente sabe que o problema dos universais foi vivamente debatido pelos filósofos medievais. A sexta parte de *A Survey of Metaphysics* é toda dedicada a este problema. A formulação oferecida por Lowe é cristalina e intuitiva, sem perder sua precisão habitual. Embora o foco não seja o que os grandes filósofos do passado tenham pensado acerca do problema, a questão que os instigava continua a despertar o interesse dos filósofos atuais. Este livro não examinará o pensamento de um filósofo em particular, mas apresentará argumentos e teses que foram já anteriormente oferecidos.

Uma das partes mais esclarecedoras do livro é a sua introdução, na qual Lowe desfaz muitas das confusões relacionadas à metafísica. Segundo o autor, algumas subversões pertencem ao senso comum. Por exemplo, alguns pensam que a metafísica tem alguma coisa a ver com misticismo, magia, etc., o que seria um erro grosseiro, já que a metafísica nada tem a ver com isso. Ora, mas o que seria, então, a metafísica? A concepção de metafísica defendida pelo autor é bem conhecida nos dias de hoje. A metafísica seria a tentativa de oferecer uma descrição suficientemente geral da realidade última, ou da estrutura da realidade como um todo.

Para tornar a caracterização acima mais precisa, teríamos de definir “descrição suficientemente geral” e “realidade última”. Nessa caracterização, por exemplo, é difícil enxergar qual a diferença entre a física e a metafísica, já que a primeira oferece descrições gerais da realidade última. Note-se, entretanto, que não será preciso defini-los, pois uma compreensão intuitiva será suficiente. Por exemplo, “descrição suficientemente geral” terá de ser definido de tal modo que inclua metodologias filosóficas tradicionais: análise conceitual, argumentação *a priori*, etc. Nesse sentido, não caberia à física oferecer uma descrição suficientemente geral, já que a física é uma ciência empírica. “Realidade última” terá de ser definido de tal modo que não inclua *apenas* a realidade física, digamos. Por exemplo, se há realmente universais (e aqui vou assumir que um universal é uma propriedade instanciada por

mais de um particular), números, conjuntos ou proposições, então eles fazem parte da realidade. A física não se ocupa disso, muito embora eles (argumentavelmente) façam parte da realidade.

Entendida nesse sentido, Lowe argumenta que a metafísica, como disciplina filosófica, é conceitualmente ineliminável. Mas por quê? Eis a resposta oferecida pelo autor:

Em última instância, porque a verdade é única e indivisível ou, reformulando, o mundo ou a realidade no seu todo é unitário e necessariamente auto-consistente. As várias ciências especiais e outras disciplinas intelectuais cujos praticantes provavelmente não se importariam de se autodenominar “cientistas” — como os historiadores e os teorizadores da literatura — ocupam-se todas, pelo menos em certa medida, da procura da verdade, mas procuram-na segundo os seus próprios métodos de investigação e dentro do seu próprio domínio autorizado. Não obstante, a indivisibilidade da verdade significa que todas estas formas de investigação têm, para ser bem-sucedidas no seu objetivo, de reconhecer a necessidade de ser consistentes entre si. Tampouco pode uma delas arrogar-se a adjudicar tais questões de consistência mútua, porque nenhuma delas tem jurisdição para lá do seu próprio domínio limitado. Tal adjudicação só pode ser dada pelos praticantes de uma disciplina intelectual que aspira à completa universalidade no seu objeto de estudo e objetivos — e essa disciplina é a metafísica, na sua concepção tradicional (tradução disponível em: <http://criticanarede.com/natmetafisica.html>).

Ele oferece respostas, além disso, a algumas das principais objeções à metafísica, tal como aquelas motivadas pelo relativismo, ou aquelas motivadas pela epistemologia naturalizada.

No início desta resenha, disse que é comum na academia filosófica brasileira assumir que Kant, no mínimo, ameaçou (ou seja lá o que isso signifique) a metafísica. Para Kant, a pergunta fundamental era “Como a metafísica é possível?” e sua resposta, como bem o sabemos, foi hostil. Kant pensava que as afirmações metafísicas não dizem respeito à estrutura fundamental da realidade, mas sim à estrutura do nosso *pensamento* acerca da realidade (cf. Lowe 2002, Introdução). Seria essa concepção plausível? Bem... Ela enfrenta uma séria objeção, apresentada pelo próprio autor:

pode-se objetar à concepção kantiana da metafísica que se nada da estrutura da realidade independente da mente nos é acessível, então, do mesmo modo, nada acerca da estrutura do nosso próprio pensamento nos é acessível também — porquanto, no sentido relevante de “independente da mente,” o nosso próprio pensamento não é senão parte da “realidade independente da mente.” Por “realidade independente da mente” entendo a soma das coisas cuja existência não depende do nosso pensamento acerca delas. Mas os nossos pensamentos têm uma existência que não depende do nosso pensamento acerca deles e fazem assim parte da realidade independente da mente, neste sentido (tradução disponível em: <http://criticanarede.com/natmetafisica.html>).

Não vou discutir nesta resenha a cogência do argumento de Lowe contra a concepção kantiana (e digo “kantiana” porque não quero entrar na questão exegética de saber se Kant defendida precisamente aquela concepção de metafísica). Porém, acredito que o argumento avançado por Lowe, o qual é bem conhecido entre os metafísicos, aliás, é plausível para desmotivar essa concepção kantiana acerca da metafísica.

Uma adição muito bem-vinda do livro é a inclusão de um capítulo sobre condicionais contrafactuais. Uma condicional contrafactual é uma condicional cuja antecedente expressa um estado de coisas contrário aos fatos, como, por exemplo, “se Aristóteles tivesse nascido no Brasil, então seria brasileiro”. Você deve estar se perguntando por que um livro de introdução à metafísica deveria se ocupar com o estudo do significado de condicionais contrafactuais. O motivo para a inclusão deste tópico é o de que os metafísicos fazem uso de condicionais contrafactuais para explicar noções metafísicas importantes, como causação, disposição, capacidade, etc. O interesse de Lowe no livro com relação a contrafactuais, que o justifica a introduzi-las neste capítulo, é a noção de causação (Lowe 2002: 138). Alguns filósofos afirmam que certos enunciados causais podem ser analisados em termos de condicionais contrafactuais. Trata-se de uma discussão certamente estimulante, que é tratada pelo autor nos capítulos 9 e 10.

Finalmente, vale notar que, como qualquer outro livro, este não é imune a críticas. O capítulo 11 contém uma breve seção do problema do livre-arbítrio que é pouquíssimo informativa para o leitor. O que os filósofos hoje em dia discutem é o problema de saber se o determinismo e o livre-arbítrio são compatíveis. Lowe mistura essa discussão com o problema da causação, que é um problema independente daquele de saber se o livre-arbítrio e o determinismo são compatíveis. Note-se que, ao contrário do que por vezes se pensa, o determinismo não é uma tese sobre causação. O determinismo é uma tese sobre leis da natureza; grosso modo, é a tese de que elas são determinísticas, ao invés de probabilísticas. A noção de causação não é invocada na formulação do determinismo. Lowe não faz essa distinção e passa muito por cima deste problema, de modo que o leitor interessado terá de procurar por introduções específicas ao problema do livre-arbítrio, como o livro de Robert Kane (2005). Além disso, o autor deixa de lado questões metafísicas tradicionais, como a existência de Deus, por exemplo. Claro que as críticas acima não diminuem a importância da

obra. Levando em conta a abrangência de problemas discutidos pelos metafísicos, seria pouco razoável esperar que uma obra fosse lidar com todos esses problemas.

Em suma, *A Survey of Metaphysics* é uma das melhores introduções à metafísica disponíveis. O livro todo pode ser utilizado como material para um curso introdutório. Contudo, o livro é recomendado para estudantes já familiarizados com discussões mais sofisticadas e com certo treino em filosofia analítica. Um dos problemas é que este livro está disponível apenas em inglês; e não são todos os estudantes que podem ler a obra nesse idioma. Mesmo assim, a obra pode muito bem ser utilizada pelo próprio professor da disciplina para preparar as aulas, indicando outros textos aos alunos. Além disso, este livro é indicado para qualquer pessoa com curiosidade intelectual sobre problemas genuinamente filosóficos. A leitura exigirá atenção e disciplina, mas isso é sempre esperado de quem se dedica ao estudo de problemas filosóficos.

REFERÊNCIAS:

KANE, Robert, 2005, *A Contemporary Introduction to Free Will*. New York: Oxford University Press.

LOWE, E. J., 2002. *A Survey of Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press. Tradução da introdução por Vítor Guerreiro disponível em: <http://criticanarede.com/natmetafisica.html>.

VAN INWAGEN, Peter, 2010. "Metaphysics". In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/metaphysics/>.